

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
2 e 8 de Abril de 2025
ANTONIO PIEGRANGELI, ESSE DESCONHECIDO

SOUVENIR D'ITALIE / 1957 Aconteceu em Itália

Um filme de Antonio Pietrangeli

Argumento: Age, Furio Scarpelli, Antonio Pietrangeli e Dario Fo, a partir de uma ideia de Fabio Carpi e Nelo Risi / *Diretores de fotografia* (35mm, cor, formato 2x35): Aldo Tonti e Carlo Carlini (unicamente para as sequências rodadas em Roma) / *Cenários:* Nedo Azzini / *Figurinos:* Marilù Certeny / *Música:* Lelio Luttazzi / *Montagem:* Eraldo da Roma / *Som:* Mario Amari, Luigi Puri / *Interpretação:* June Laverick (*Margaret Hopper*), Isabelle Corey (*Josette*), Inge Schöner (*Hilde*), Gabriele Ferzetti (*Alberto Cortini*), Massimo Girotti (*Ugo Parenti*), Antonio Cifariello (*Gino*), Isabel Jeans (*Cynthia*), Vittorio De Sica (*o conde*), Alberto Sordi (*Sergio Battistini*), Dario Fo (*o guia turístico em Florença*) e outros.

Produção: Luigi Carpentieri e Ermanno Donati / *Cópia:* da Cineteca Nazionale (Roma), digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 109 minutos / *Estreia mundial:* Roma, Fevereiro de 1957 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema São Jorge), 7 de Outubro de 1957 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

AVISO: o enquadramento original do filme não foi completamente respeitado na cópia digital que recebemos de Itália, o que é perceptível no genérico e nalguns momentos durante o desenrolar do filme. Apesar disto, decidimos exibi-la, com o nosso pedido de desculpas. Além disso, devido à chegada tardia da cópia, propomos em substituição à habitual “folha” de sala um trecho do livro consagrado a Pietrangeli por Antonio Maraldi (edições Il Castoro Cinema, 1991).

Mais uma vez estamos diante de uma estrutura narrativa dividida em episódios, para um filme que Leonardo Spinazzola definiu como “*uma subespécie do neo-realismo cor-de-rosa*”. No entanto, em relação a filmes como **Pane, Amore e Fantasia** ou **Poveri ma belle** existem algumas variantes, a começar pelo espaço físico e geográfico. O universo fechado e tranquilizante das pequenas cidades e aldeias, que servem de fundo visual para as escaramuças amorosas dos protagonistas, dilata-se até abarcar a Itália inteira e os seus monumentos mais famosos. Porém o olhar não se aprofunda: as escaramuças amorosas são apresentadas como aquilo que são, ainda que sobre um fundo turístico. A maior novidade é que não estamos diante de uma Itália da miséria – ainda que esta não tenha proporções dramáticas – mas de uma nação em desenvolvimento, em expansão, da qual emergem não arrogantes jovens de t-shirt mas os tipos mais diversos de uma burguesia cada vez mais consciente do seu papel. A figura feminina tem um papel central no filme, mas mantém as características de *brava ragazza* dos filmes precedentes. As três raparigas de **Souvenir d'Italie** são desinibidas e emancipadas, mas no momento decisivo mostram toda a sua candura: quando Gino se atreve a beijar Hilde, ela encolhe-se e confessa que este é o seu primeiro beijo. Josette conta a Sergio a beleza e as vantagens de viajar e da imprevisibilidade dos encontros (“*desconhecidos de manhã, amigos à noite*”), mas quando o advogado dá a entender que passou uma noite com ela, desata a chorar. Margaret, mal revê o professor Parenti, por quem tivera uma paixoneta juvenil em Inglaterra, observa de imediato as mãos dele para descobrir se é casado, e quando visitam um castelo tenta sentar-se furtivamente numa poltrona, porque há uma lenda que diz que quem se senta naquela poltrona casar-se-á no mesmo ano.

(...) O filme joga com os estereótipos, filtrados pelo olhar turístico das protagonistas. Não por acaso, os cenários são os sítios de Itália preferidos pelos bilhetes-postais (o filme está imerso em cores berrantes): Veneza com os seus canais e as suas pracetas, Florença com o Arno e a Piazza della Signoria, Pisa e a Piazza dei Miracoli, Roma e os seus monumentos. Também a tipologia dos personagens secundários é pouco variada. Estão presentes: um galante conde napolitano, obrigado pelas dívidas a transformar a sua casa num hotel; simpáticos enfermeiros que, por falta do que fazer, levam a rapariga numa ambulância e brincam como se ela estivesse morta; a mãe protetora que recomenda prudência; o avô simpático e um pouco despistado; o senhor de meia-idade que não desistiu de armar-se em sedutor.

(...) O encontro entre Pietrangeli e Alberto Sordi teve, mais uma vez, resultados felizes. Morando Morandini conclui a sua crítica favorável em *La Notte* de 25 de abril de 1957 dizendo que “*depois de Fellini, Pietrangeli é o realizador que melhor conhece o nosso Albertone*” – no entanto, o realizador teve numerosos problemas durante a rodagem, sobretudo com as atrizes. Numa carta dirigida à produção, que indagava o motivo do atraso na rodagem, o realizador lamenta o escasso profissionalismo das atrizes e as improvisações a que é obrigado a recorrer para continuar o trabalho. Ele, que segundo todos os testemunhos, era um realizador preciso e perfeccionista, teve de se contentar com poucos *takes*.

O filme nada tem de ignóbil, embora seja dos menos pessoais de Pietrangeli (“*este filme talvez tenha o sido o único em que ele aceitou um compromisso*”, observou Margherita Pietrangeli). Teve, no entanto, excelente êxito comercial e foi o quinto filme com maior número de espectadores na temporada 1956-57, o que fez dele o primeiro episódio de um breve filão cómico-turístico, composto por **Vacanze a Ischia** de Mario Camerini, **Venezia, la luna e tu** de Dino Risi, **Camping**, de Franco Zeffirelli e **Avventura a Capri**, de Giuseppe Lipartiti. (...) Mas Pietrangeli não tardará a abandonar este terreno, o que o faz deixar subitamente a cor e regressar a um preto e branco mais pessoal.

Antonio Maraldi